

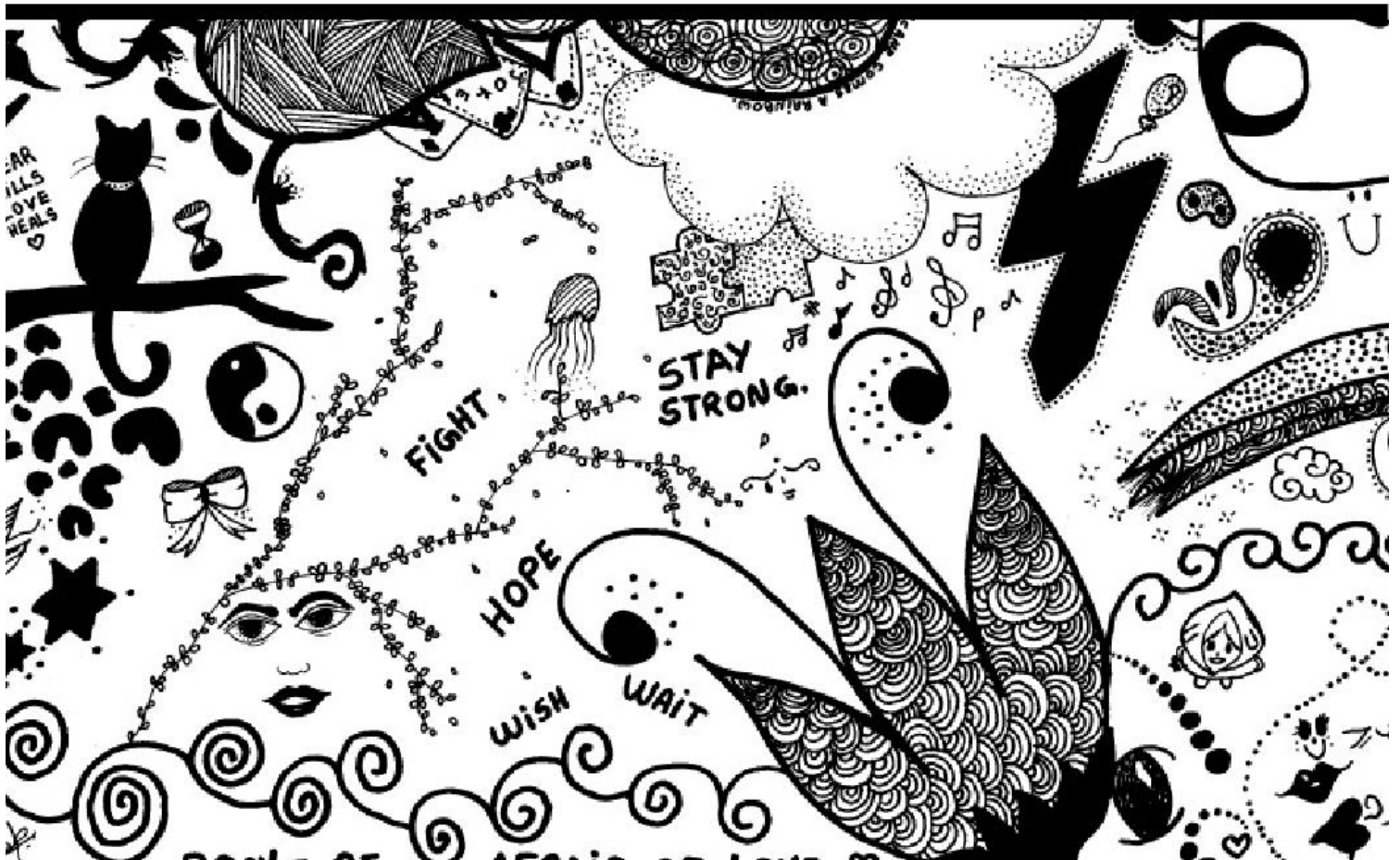
Edição Nº 6

Julho/2013



Revista

Peabiru



Repaginando-se...

Múltiplo Leminski

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além”

Em janeiro deste ano, por essas coisas da vida, fui parar em Curitiba, lá no MON (Museo Oscar Niemayer) onde fiquei impressionada com a exposição Múltiplo Leminski. Foi a minha primeira aproximação com a obra poética e artística desse curitibano louco e genial. A complexidade da sua poesia e sua arte está, acredito eu, na simplicidade e condensação de grandes ideias em poucas palavras. Os jogos de frases, letras e sentidos, a linguagem impecável e acessível o faz, ainda hoje, ultrapassar a barreira do tempo e carregar a atualidade em suas poesias.

Entrei em contato com a produção da exposição itinerante em Foz devido a um de meus passatempos favoritos, o coletivo “Ação Poética Tríplice Fronteira” que picha os muros da cidade com poesias curtas. Fui, então, convidada a pintar poesias do Leminski nos Muros e no piso do Ecomuseu Itaipu.



Para mim foi um prazer imenso conhecer pessoas tão interessantes como a Alice Ruiz, companheira de Leminski na vida e na arte, suas filhas Áurea e Estrela Leminski, o Paladino, o Teo, o Moa e a Tatiara. Além dos graffiteiros: Arthur, Paulo e Marciel. Passamos dias intensos de muito trabalho, longas jornadas carregadas de poesia, risos, tinta, histórias e correrias.



Porém, pessoalmente, trabalhar na exposição significou um grande aprendizado: “é muito possível concretizar e materializar as ideias”, como a de trazer uma exposição como esta a Foz, uma cidade ainda à margem dos maiores circuitos culturais brasileiros. Poder organizar o espaço, buscar os patrocinadores trouxe para mim a experiência da concretização de cada detalhe da exposição. Uma realização em meio a conversas sobre poesias, processos criativos e ideias. Trabalhamos para que cada canto do Ecomuseu ficasse com cara e jeito do Leminski, foi alucinante dar vida a este artista naquele espaço.

Vai ser difícil esquecer a exposição “Múltiplo Leminski”, as pessoas que conheci e as frases que pintei, menos ainda a celebração do meu aniversário que coincidiu com um dia de muito trabalho e criação, no qual me surpreenderam com um bolo no meio da rua enquanto pintávamos um graffiti no muro entre as ruas Paraná e República Argentina.

Por Maria José Haro



Harmonia no caos

Frenética, Valpo tem boêmia, poesia e belas vistas entre montes e o Pacífico



Ninguém descreveu melhor **Valparaíso**, na costa do Pacífico, no Chile, que seu poeta Pablo Neruda. Para ele, a cidade se compara a uma bela moça que nunca terminou de pentear-se e vestir-se. A analogia é precisa. A cidade de 300 mil habitantes nunca foi planejada e vem acontecendo em meio a uma efervescência cultural e econômica há séculos. A forte economia e seu peso político fez com que pipocassem hotéis, restaurantes, pubs e bordéis. O litoral e a tortuosa geografia lhe emprestaram a forma e a beleza.

Sem espaço plano, a população precisou se empilhar nos 42 *cerros* (morros) que margeam a costa, dando origem a uma confusão urbana de casas coloridas e de ruelas que sobem e descem. A 127 km de Santiago, é Patrimônio Cultural da Humanidade e perfeita para um passeio a dois ou para agito com amigos.

Devido ao terreno acidentado foram criados ascensores, espécie de elevadores diagonais que ligam as partes baixas e altas da cidade. Considerados monumentos nacionais, os 15 ascensores são barulhentos e antigos, mas baratos e imperdíveis. Destaque para o *Artillería* que funciona desde 1893 e tem acesso próximo à histórica e imponente Aduana, na área portuária. Ele leva ao *Paseo 21 de Mayo*, de onde se tem uma vista incrível do porto e da baía. Ideal para curtir o pôr-do-sol no fim de tarde.

Não faltam opções para a diversão. O *Museo a Cielo Abierto*, na c. Bellavista, é gratuito e tem acesso pelo ascensor Espiritu Santo. São 20 murais pintados diretamente nas paredes. Igualmente imperdível é *La Sebastiana*, casa de veraneio do maior poeta chileno, Pablo Neruda. A residência é como a cidade, colorida e labiríntica.

Suba de táxi e retorne a pé para aproveitar a vista, a feira de artesanato e se encantar com trechos de poesias nos muros. Também visite o Museo Mun. de Bellas Artes (9h30-18h, gratuito), no Paseo Yugoslavo, com acesso pelo ascensor El Peral. Há obras de Valenzuela Puelma, Carlos Mori, Rousseau e Boudin. São recomendados ainda o passeio de lancha, com saídas do *Muelle Pratt* e a visita à *Piedra Feliz*, um belíssimo penhasco na Av. Altamirano, de onde milhares de moças desiludidas já se atiraram ao mar.

Exatamente esta via, Av. Altamirano, é a mais indicada para a cena. Há bons restaurantes que servem fartos pratos de pescados e frutos do mar na altura da Caleta El Membrillo. Tudo isso, com direito a vista para o azul e gélido oceano Pacífico. Pratos à base de marisco e outras opções podem ser encontradas no *Mercado Cardonal*. A Av. Ecuador e o Paseo 21 de Mayo concentram bares e cafés. Para a noite, há pubs próximos às *calles* Errázurez e Condell. Por nada perca o Pisco (aguardente à base de uvas moscotel) e nem as cervejas locais (Del Puerto e De Autor). Para compras, há feirinhas no Paseo 21 de Mayo e lojas de *souvenirs* na entrada do porto. Melhor que seguir estas orientações é deixar-se perder por Valpo, uma cidade frenética, cheia de surpresas e sabores.



Por Renan Xavier
Fotos: Fran Rebelatto

Me disseram no trabalho

o arauto vinha anunciando...

Atençãoatençãoatenção
Senhores

mais tarde no mastro do porto
havera
um
Velório

Atençãoatençãoatenção
Senhores

mais tarde no mastro do porto
havera
um
Velório

duas senhoras que passavam indo comprar
pães
Tecido
e outras coisas

se comoveram

mais um que morre

ele deve ser lá do porto

algo de
eu tenho sentimento de
lembranças que da

nojo
vergonha
medo

aten atenção(se)ção
senhores

você ouviu?

a caminho de casa pensou

[será que ele partiu]
[será que ele sofreu]
[quem será que morreu]

amor
querido
ooooi

(cheguei)
(você)
(obrigada)

trouxe
veio
caiu

outra
também

as

esponjas

!

alguém morreu hoje no porto

?

seus sonhos
meus sonhos
os sonhos deles

me disseram no trabalho
anunciei a tarde toda
me contaram no café
não ouvi nem falar

era um marinheiro
era um bêbado
era um qualquer
que estava

rezandochapadoandandorezandoandandochapadoandandorezandorezandoc
hapadoandandorezandoandandochapadoandandorezandochapadorezandoa
dandochapa

Disseram....

Por Guilherme Cardim // Ilustração Rafael Maier





Uma Hora Inteira num Piscar de Olhos

OU

Run, Rabbit, Run!

Por Eugênio Passos

Ilustração Rafael Maier

sob a inspiração do Mestre Genebrino
(relojoeiro da linguagem).

Soundtracks originais:

Speak to Me, Breathe (In the Air) e On the Run,
do Pink Floyd.

[Álbum The Dark Side of the Moon (1973), faixas 1, 2 e 3.]

Quando a hora costumeira se encontra com o momento esperado, é o tempo;
Cartesianos, cruzam-se o eixo da expectativa e o da realização: eis o relógio.
Meus dedos ouvem a despertadora música e procuram-lhe a órfica clépsidra.
Espreguiçam-se-me os cílios antes de, abertos, mostrar-me aos olhos o signo
("06:00")

Com que Om escreve "Auge", o primeiro dos doze versos do sisífico poema
("O Dia"),

Com que Nix compõe "Ocaso", o primeiro dos doze tomos da cíclica novela
("A Noite")

Com que Morfeu tece "Sonhos", peça que se inicia com o verso final de Om
("18:00")

Dou-me conta de que estou novamente sonhando: “Morfeu? Sonhos? Nix?”.
“Sim, Coelho”, diz-me uma menina. “Olha! Vai gotejar o primeiro minuto!”
Abro os olhos no exato instante em que pinga (sessenta segundos) a gota um
(“06:01”).
Olho para a menina, mas vejo uma mulher. “Alice, meu nome”, apresenta-se
E, tomando-me a mão com a sua (morna e macia qual um cobertor), diz-me:
“Run, Rabbit, run!”. Abre-se um abismo, a próxima gota para, e não caímos.
(“00:00”.)



“O tempo parou”, digo; “Na verdade, ele acelerou ao extremo”, ela contesta.
Olho para a mulher (e vejo uma menina!) e teimo: “Como, se não caímos?”.
“Na verdade, caímos tão rápido, que é como se o tempo, não”, ela contradiz.
“E para onde vamos?”, pergunto; “Isto não é viagem, mas repouso”, declara.
“Então estou dormindo”, afirmo; “É outro de ti que está acordando”, replica.
Forcejo a concentração: tudo tão nítido! Ela sorri: “Abre os olhos, Coelho!”.
Outra vez, olho para a clépsida: incrível! Um único piscar de olhos, e já são
06:57!

“Estou atrasado!”; brusco, puxo o cobertor, mas ela está lá, sentada na cama.
“Calma, Coelho: ainda que passe da hora, sempre é tempo para me ouvires.”
Abro bem os olhos e, sentando-me, aproximo-me dela. “Teu nome não é ...”.
Ela (uma mulher!) põe a mão em meus lábios. “Meu nome? É maravilhoso”.
“Estou atrasado, não...”; mas ela: “Não: antes, escuta a Parábola dos Trens”.
Ela, nas suas, me toma as mãos, me olha (muito!) dentro dos olhos e me diz:
“Todo trem é o da 8h, salvo se for o das 7h ou o das 9h. 8h59min? Ainda é.”
Forma-se a gota na clépsidra, e ambos olhamos; mais um pouco, e pingaria:
06:59!

Ela: “Vem, amemo-nos, que ainda é a mesma hora!”; eu: “Falta só um m...”.
 (“06:59.”)

Acordo no exato momento em que o algarismo nove faz desaparecer o oito...
...e uma boca de mulher assalta-me os lábios, enquanto me diz uma menina:
“Run, Rabbit, Run!”.

Eu, angústia: “Não posso amar-te! Só faltam alguns segundos!”; ela, sorriso:
“Estás-me amando faz quase uma hora! Não percebeste? Pronuncia comigo:
PO-LU-...”.

Eu, gozo: “... ÇÃÃO!”. No exato segundo: cai a última gota; já outra é a hora.

Levanto-me num salto e (nu, como é praxe) olho para todos os lados. A hora
(07:00),

A música (do despertador) e a ejaculação (os pingos da clépsidra...): tal foi a
sincronia,

Que não se diria ter eu tão-só acordado: é como se eu tivesse renascido num
novo mundo.

Pax temporis vobiscum



Sobre o eco das ruas, a mídia e a explosão do patriotismo brasileiro

No mês de junho de 2013 foi realizada a Copa das Confederações no Brasil, um evento teste para a Copa do Mundo que reúne as últimas seleções de futebol campeãs continentais. Pois bem, já era de se esperar que a bandeira nacional e as suas cores dominassem o país durante os quinze dias de competição. Porém, com o que não se contava, era que o povo brasileiro, tão acostumado a se travestir de verde amarelo em dias de jogos da seleção, deixasse de lado o futebol, para voltar a sua atenção a questões políticas, sociais e econômicas que afetam o cotidiano nacional. Nem mesmo uma incontestável vitória da seleção canarinho sobre a atual campeã do mundo, a seleção da Espanha, foi capaz de ser figurada como protagonista deste período. Pelo contrário, o povo nas ruas e o seu eco por democracia é que roubaram a cena, chacoalhando o cenário político nacional.

Ainda é cedo para entender as manifestações generalizadas que seguem assolando o país, também diferentes estudiosos apresentam ideias contraditórias entre si, dificultando mais ainda a compreensão das manifestações ou movimentos que espalharam-se pelas ruas do país no mês de junho. Ao contextualizar e buscar uma possível *causa* sabemos que tudo começou com o aumento das passagens de ônibus nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nestas cidades um grupo de manifestantes saiu às ruas para protestar contra o aumento de vinte centavos na tarifa do transporte coletivo. Sabemos que houveram abusos e represálias policiais durante as manifestações. E este foi o estopim para que milhares de pessoas insatisfeitas com as injustiças sociais no país fizessem coro pelas cidades do Brasil, fazendo uso das ruas como palco para seus protestos, que neste momento já eram diversos e divergentes.

Sempre foi comum que movimentos sociais e políticos organizados realizassem manifestações sobre os mais variados temas. Contudo, essa força popular, com diversas frentes ideológicas e até mesmo adversas aos movimentos organizados fez surgir a emblemática frase postulada midiaticamente: o gigante acordou! Essa insurreição popular em plena copa das confederações desnorteou a agenda da grande mídia e a fez se voltar para as vozes que implodiam das ruas, mas também das mídias sociais.

EDITORIAL



EXPEDIENTE

Coordenação: Renan Xavier e
Débora Cota

Projeto Gráfico: Michele Dacas,
Rafael Maier e Renan Xavier

Editor(a): Michele Dacas

Ilustração: Rafael Maier e
Gilmar Almeida da Silva

Orientação Pedagógica: Débora
Cota

Produção: Natali Zamboni Hoff
e Rafael Maier

COLABORADORES

Alexandre Varella

Maria José Haro

Jorgellina Tallei

Bruna Padilha

Nay Araujo

Daniel Sánchez

Marco Albuquerque

Já estão ficando para trás os dias gelados de uma atípica onda de frio no mês de julho. As surpresas, o não **convencionalismo**, o inusitado dão sempre o que falar ou são motivos de **inspiração**. Mostram também o eterno movimento das coisas ou nos lembram que as possibilidades **são infinitas**.

O que significou a tomada, durante vários dias, de ruas, pontes e praças, por brasileiros de distintas idades, classes e ideologias? Em que outro nível para além do patológico a **embriaguez chama a atenção?** Quem já imaginou Alice e seu coelho, o despertar, um gozo e *The dark side of de moon*, de Pink Floyd em um mesmo contexto? Que harmonia possui a **frenética** Valparaíso de Pablo Neruda? O que há de singular por trás da multiplicidade **leminskiana** exposta em Foz do Iguaçu?

Em edição que destaca todos estes deslocamentos, a PEABIRU também se apresenta em **movimento**, repaginando-se >>>>

Reconfigure-se, colabore e surpreenda-se!

Julho/2013

Mais do que nunca, a grande cobertura da mídia tradicional teve que aliar-se e defender-se da rapidez da veiculação de imagens tão trêmulas tal qual o barulho da multidão, produzidas pelos dispositivos móveis.

Aparentemente, quem pautava agora, eram as ruas! Eram recorrentes as visualizações em nossas *timelines*, televisões ou aplicativos das bombas de gás lacrimogênio, dos disparos das balas de borracha, da violência policial, da violência de manifestantes e do desespero de jornalistas. O total despreparo da polícia militar, o abuso de poder do Estado, a alienação política e a falta de diálogo entre as distintas camadas da sociedade, os oligopólios midiáticos somados às muitas câmeras e protestos transbordaram todas as esferas sociais em suas micro e macro-estruturas, forçando-as a perceber que há algo de novo no ar, nas ruas e nas pequenas e grandes telas.

Ainda é tudo demasiado recente para se estabelecer qualquer avaliação ou efervescente demais para se apontar uma direção.

No entanto, o que sabemos é que diferentes sujeitos e grupos marcharam sob a bandeira de “não é só por 20 centavos” e “vem pra rua”.

Na cidade de Foz do Iguaçu não foi diferente, mesmo em um local não tão acostumado com seus cidadãos saindo às ruas, houve conglomeração de mais de mil manifestantes em uma passeata em apoio aos movimentos ocorridos em São Paulo e Rio de Janeiro. Helton Preguiça, um dos organizadores da passeata em Foz do Iguaçu, surpreso com o número de pessoas que dela participaram, nos diz que:

“a onda de patriotismo que tomou conta do país não é negativa, apenas é a forma como as pessoas encontraram para manifestar a sua indignação diante dos últimos fatos ocorridos. É inevitável a tentativa de apropriação dos movimentos por outros grupos, uma vez que a manifestação não possui uma representação clara e se espalhou pelo Brasil muito rapidamente.”

Já Mauri Gauer, também organizador da passeata em Foz do Iguaçu, a chamada Revolta da Salada destaca:

“nós, brasileiros em geral, não somos patriotas ou nacionalistas (felizmente). Talvez pela rica diversidade na nossa formação cultural e outros motivos sociológicos complexos. E mesmo que ainda sejamos uma sociedade conservadora, com fortes preconceitos e alguma xenofobia, definitivamente não somos patriotas. De modo que a inserção dos elementos "nacionalistas" nas manifestações tenha mais relação, possivelmente, com o fato de que uma multidão sem muitas referências simbólicas políticas e com uma clara aversão ao sistema político como hoje está, tenha se apegado justamente à simbologia que está ao seu alcance e que mais se aproxima da paixão nacional: o futebol.

Não à toa os gritos de guerra nas ruas assemelhavam-se aos cantos que ocorrem nos estádios. As bandeiras verde-amarelas e as máscaras Guy Fawkes tomaram forma como elementos simbólicos, mas não foi algo orgânico e com justificativa anterior. De algum modo, o que se viu do caráter nacionalista não nasceu nas manifestações: foi propositalmente inserido e irrefletidamente adotado por uma ampla maioria. Era algo difícil de conter, pois gerava um efeito emocional na multidão. É difícil não se deixar levar por um coro de milhares de pessoas cantando o hino nacional, mesmo sabendo, intimamente, que é um símbolo da ordem e do sistema, justamente aquilo contra o que se manifestava.”

O Hino Nacional cantado nas ruas como um grito de guerra e a bandeira do Brasil erguida pelas mãos de grande parte dos manifestantes eram exaltados pela mídia massiva e tradicional. Ecoavam menos que a indignação pelos desperdícios com verbas públicas, com um sistema de saúde precário e uma educação ineficiente. O patriotismo tornou-se o mote para a grande mídia figurar uma face para a manifestação que não era cara de ninguém. Afinal, aquela desordem iniciada pelo movimento Passe Livre, necessitava todavia, os contornos e o enquadramento da mídia, pois ao ganhar tantas ruas em um país tão imenso, com tantas reivindicações e vozes a reclamar, poucos sabem que *o gigante* caberia em uma ou duas bandeiras. Exaltava-se o patriotismo porque o verde e amarelo não eram somente usados em virtude do futebol, a maior paixão nacional, mas sim pelo sonho de um país melhor, mais justo e igualitário. Por fim, o patriotismo tomou as vias e as mídias.

Em outros âmbitos, conforme assinalado pelo professor Felix Pablo Friggeri, do curso de Relações Internacionais da UNILA, os protestos apresentaram uma relação complicada com a grande mídia, que fez uso deles e da falta de liderança dos mesmos, para fazer oposição ao governo, quando na verdade não se tratava e nunca se tratou de uma questão de partidos políticos. Por outro lado, ele vê ainda o momento como uma oportunidade única da juventude brasileira recuperar a politização e a consciência de que o povo tem força e poder de fazer frente os seus governantes por justiça social.

Por Natali Zamboni Hoff

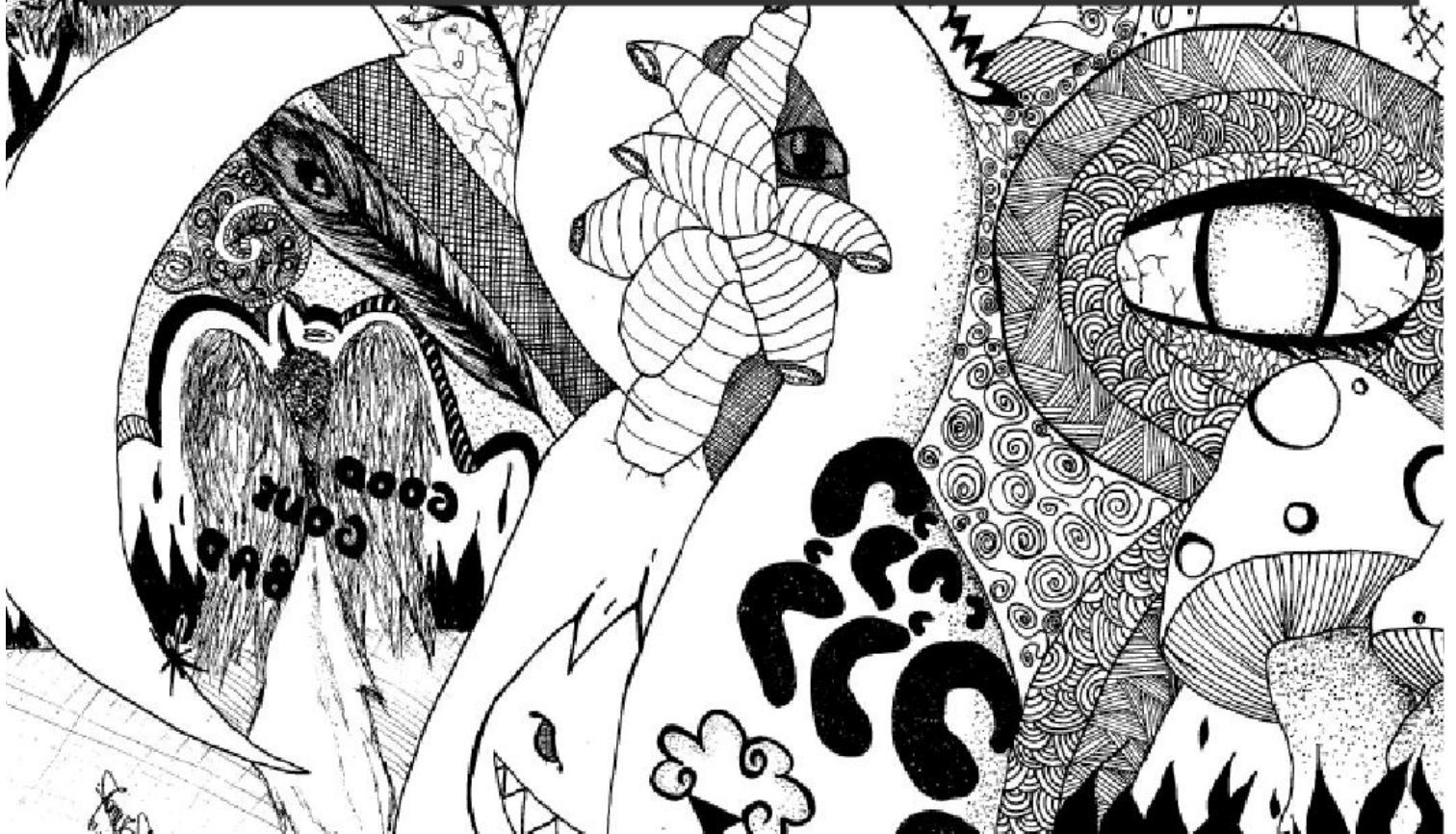
Tecendo inspirações através da Ilustração

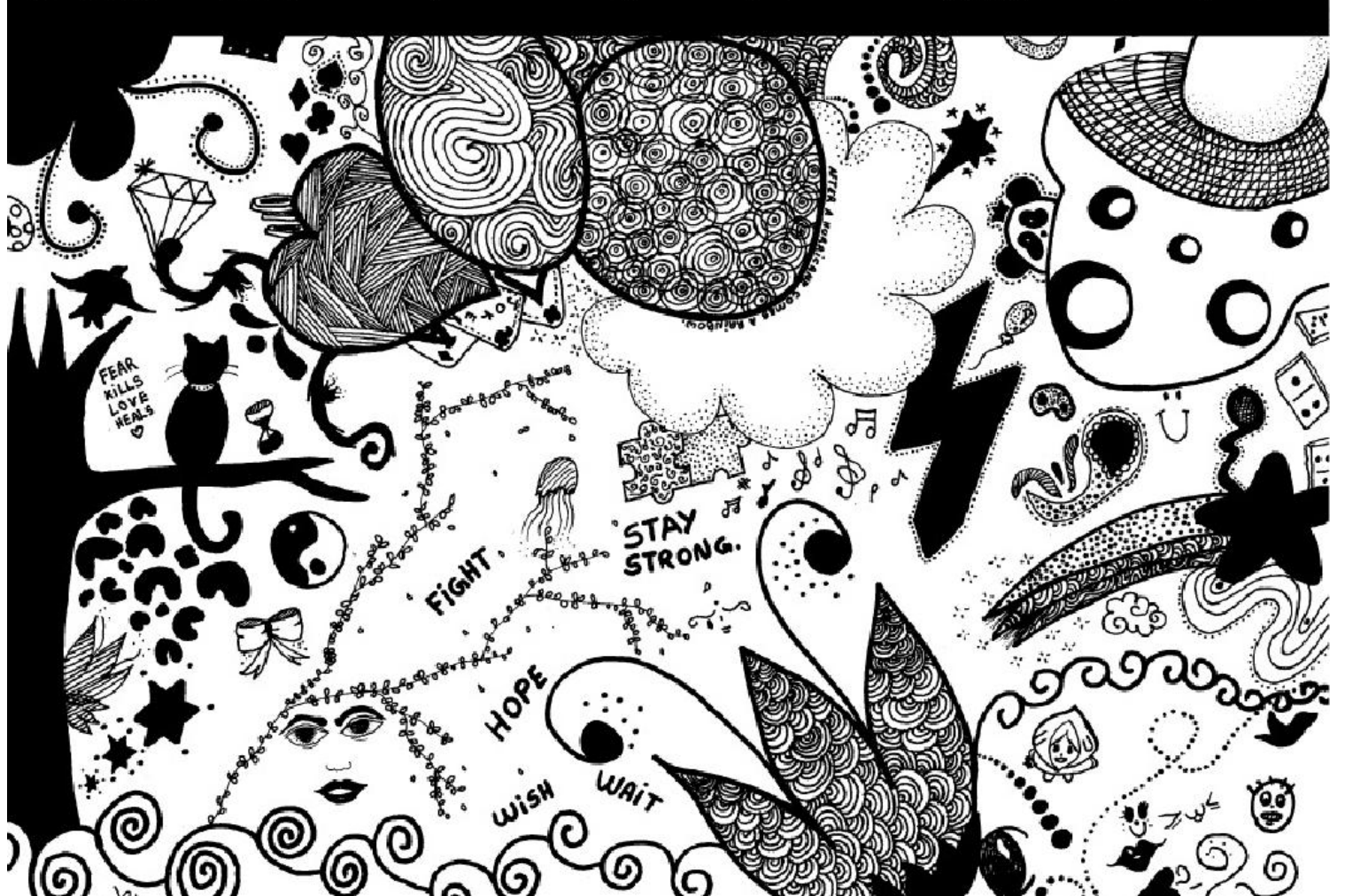
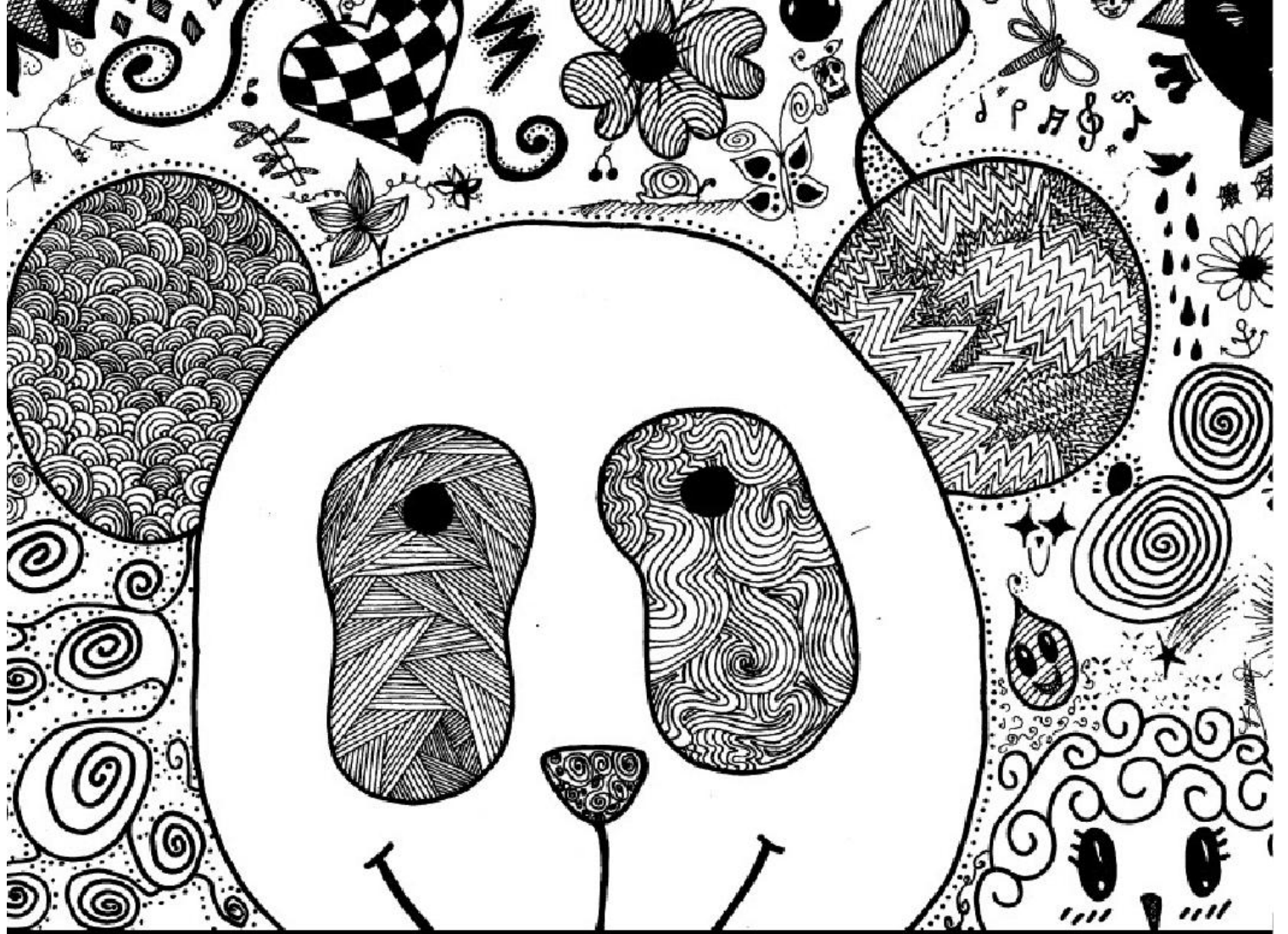
“ A maioria das minhas ilustrações saem dependendo do meu humor, sentimentos e situação atual da minha vida, tanto que o tempo que eu levo para finalizá-las depende muito disso. Muitas vezes, não adianta só ter um papel em branco na sua frente e uma caneta nanquim, não sai. O que as pessoas se enganam é de olhar pra cada desenho e pensar que foi muito fácil e rápido de terminar. Às vezes, a cabeça dá um nó e eu não consigo pensar em mais nada pra botar no papel que já não tenha colocado em algum outro desenho.

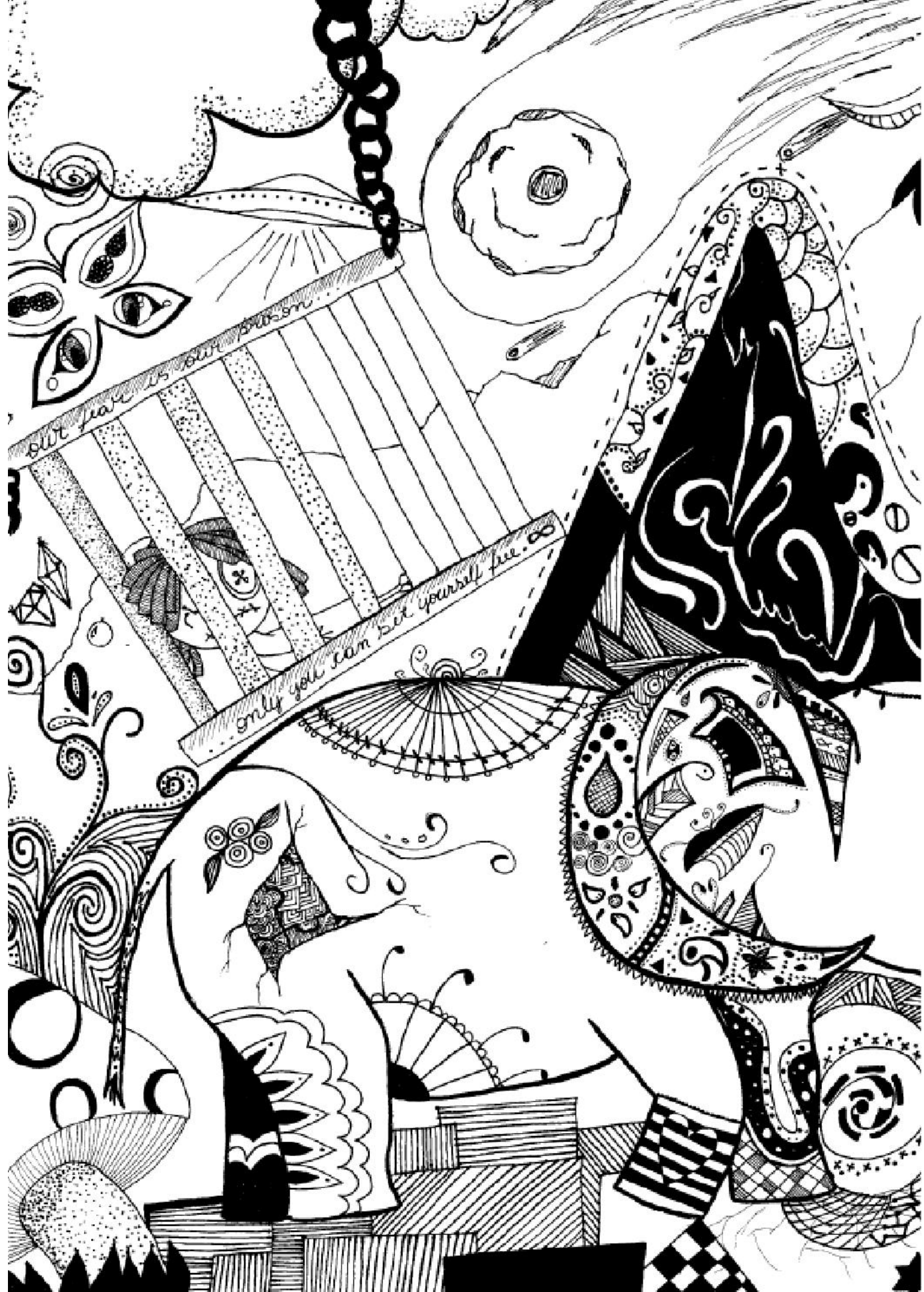
O problema de depender de uma onda de inspiração, é que ela vem toda de uma vez e o período de seca pode ser muito longo depois disso ”

Por Bruna Padilha

Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da UDC







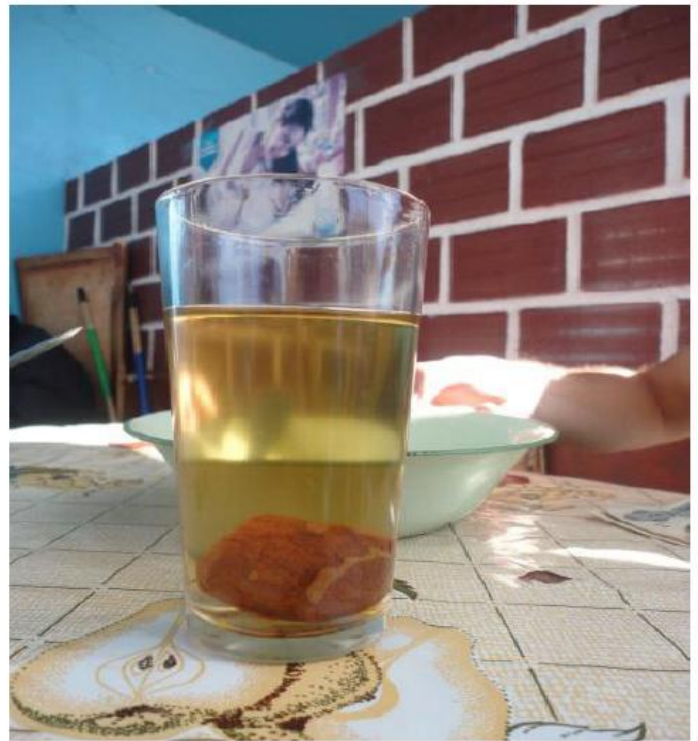


Desde Brasil hasta Colombia: descubriendo la cultura latinoamericana

Por Daniel Sánchez

Estos días me hacen pensar que hace un año decidí, junto con un gran amigo, realizar una de -hasta hoy- las mayores locuras de mi vida, dado que la planifiqué en 2 horas. Consistió en recorrer por tierra un camino que empezó en Foz de Iguazú (Brasil) y terminó en Bogotá (Colombia). Este recorrido me permitió poner a prueba muchos miedos para adaptarme a cafeterías, climas, acentos y costumbres desconocidas, y además, me obligó a enfrentarme a mis preconceptos.

Hoy puedo decir que descubrí paisajes únicos. Si bien mis preferidos son un tanto peculiares, poco turísticos, llenos de una magia que se respiraba en la cotidianidad y en lo 'común' de su existencia.



No puedo hablar de un lugar específico, porque me quedó con muchos al tiempo. Si bien fueron muchas las ciudades de Paraguay, Bolivia, Perú y Ecuador que conocimos durante nuestra aventura, más allá del Lago Titicaca, Machupichu o el Salar de Uyuni (auténticos paraísos que visitamos por 'cultura general').

Entendí que lo lindo de América Latina, por lo menos, lo que me sedujo a mí, es el testimonio de la persona de 'a pie', del taxista, del camionero, de la señora de la plaza de mercado, del vendedor de comida típica y de la madre que va a buscar a su hijo a la escuela. Historias emocionantes, llenas de regocijo, humildad y optimismo. Si bien a primera impresión, y desde un punto de vista del 'turista' lo



más lindo del continente podrían ser la variedad de paisajes y climas; Yo me quedo con la sensación que se experimenta dentro de los barrios, el transporte público o las calles atestadas. Cada uno de estos países ofrece miradas distintas del mundo, pero coinciden en la riqueza de la cultura popular: en la variedad de comidas y bebidas, de música, de historias, leyendas y narrativas que circulan en el aire.



Encontré lugares en los que seguramente volveré por más tiempo, ciudades y pueblos inspiradores para escribir un libro o para leer muchos. Lugares para tener un romance único. Sitios con energías místicas, renovadoras. Sentí como si el tiempo no pasara, como si fuera más importante sentarse y admirar el mundo.

Al final de mi aventura, confirmé que no soy el mismo que antes. Ya no pertenezco a mi país, pertenezco a varios lugares, mis raíces están diseminadas por toda América Latina, cultura que pude tocar, sentir y digerir. Hoy, después de un año, extraño aquellos aromas y sabores. Se terminó la aventura pero quedé con ganas de más, de seguir alistado mi mochila, y seguir viajando, dispuesto a enfrentarme a lo desconocido. Latinoamérica es un enorme libro abierto por explorar y conocer.



REVISTA PEABIRU

uma revista colaborativa sobre cultura latino-americana

A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado junto à Secretaria de Comunicação Social, por professores e alunos de diferentes áreas de conhecimento da UNILA. O projeto surgiu com a ideia de difundir a diversidade cultural da América Latina vivenciada na Universidade e na região de fronteira entre os países Brasil, Argentina e Paraguai. Com o objetivo de convergir academia e comunidade por meio de processos comunicativos, buscamos formar uma rede de autores-colaboradores para ilustrar também em nossas páginas, as diferentes vozes e a diversidade cultural dos sujeitos latino-americanos imersos nessa fronteira trinacional.

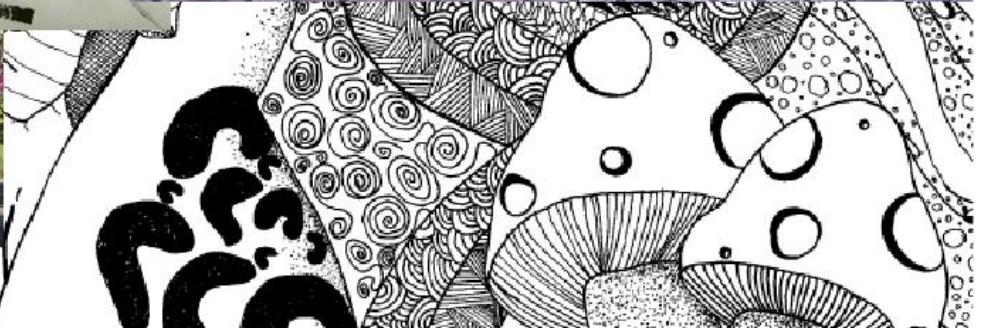
Acreditamos que a criação de um produto cultural de mídia voltado à diversidade de vozes, expressões e opiniões contribui para a integração dos distintos cenários da América Latina que se encontram nas intermitências dessa fronteira.

Como colaborar:

Nossos conteúdos são baseados na formação de uma rede colaborativa de criação, sendo os mesmos produzidos e coordenados por uma equipe fixa, e/ou em conjunto com demais pessoas, vinculadas ou não à UNILA, que queiram publicar artigos opinativos, poesias, fotografias, ilustrações, contos e narrativas sobre a cultura latino-americana, em sua diversidade de manifestações, em nossas páginas.

Para colaborar envie o seu material para:
revista.peabiru@unila.edu.br

Siga este caminho, faça parte da Revista Peabiru



Candeeiro se apagou e o sanfoneiro cochilou...para sempre

A diáspora para muitos nordestinos começa cedo. A da minha família, por exemplo, começou ainda na década de 50, quando minha bisavó reuniu alguns de seus tantos filhos, aqueles que ainda não tinham capacidade de se cuidarem sozinhos, e 'rumou', em um pau de arara, para a 'cidade grande' de São Paulo. Muitos foram os tios, primos, e parentes distantes que fizeram o mesmo depois dela. Portanto, quando eu resolvi sair de casa, rumar para o Rio de Janeiro, ir embora já não significava assim uma novidade.

Morar longe, viver numa cultura bem diferente, tentar sobreviver às diferenças, não é exatamente o maior problema. Problema mesmo são as saudades e as lembranças que trazemos da nossa terra. Essas, de tempos em tempos teimam em se manifestar, na forma do cheiro de uma boa comida nordestina, ou no som do fole de uma sanfona.

Porém, neste mês de julho de 2013, uma sanfona não tocou, mas eu senti saudades e lembranças de minha terra mesmo assim. Infelizmente, o silêncio da sanfona anunciava a morte do mestre Dominginhos.

Eu pude conhecer Dominginhos em uma tarde de julho de 2003. No inverno ensolarado de Fortaleza, eu, produtora de uma festa junina, montava balões e bandeirinhas para o espetáculo de logo mais; ele, o artista convidado do evento, passava o som no palco. Entre “um xodó para mim do meu jeito assim”, eu alegrava o meu viver trabalhando e cultivando lembranças de histórias que eu vivi e outras tantas que só ouvi contar. A medida em que Dominginhos tocava suas músicas eu lembrava da minha avó, a maior organizadora de quadrilha junina da sua cidade do interior, uma professora da comunidade que era também agitadora da cultura nordestina.



Fontes: imagem acima: acaraju.se.go.br
Imagem abaixo: girandoarte.com.br





Festa Junina na Vila Yolanda em Foz do Iguaçu

Lembrava dos ensaios de quadrilha que começavam já em fevereiro, e de quando pedia que a minha mãe fosse à costureira para ver se ela fazia a minha roupa de dançar o “São João” na escola. Lembrava do gosto bom das comidas juninas, das brincadeiras e de tantas outras coisas que são referências essenciais para mim do meu lugar de partida, do meu sertão, assim como a sanfona de Dominginhos sempre presente na tradição dessa terra.

Dominginhos parte deixando-nos, todos nós nordestinos, um pouco mais orfãos em nossas lonjuras. Sou extremamente agradecida de um dia tê-lo conhecido e espero, imensamente, que onde quer que ele esteja, este grande mestre sanfoneiro esteja fazendo um grande forró por todos nós.

Por Nay Araujo, produtora cultural no Rio de Janeiro

*José Domingos de
Morais, o
Dominginhos, foi um
cantor e compositor
pernambucano que
teve Luiz Gonzaga
como seu grande
mestre. Entre suas
maiores marcas está a
composição de
melodias com
influências do forró,
choro, baião, xote e
bossa nova.*

Cogumelos que fazem ver visões



Ilustração Gilmar Almeida da Silva

“Como 'conta a história' - afirma o cronista Duran, que se coloca narrando o manuscrito indígena -, foi Motecuzoma quem começou a convidar, três vezes ao ano, os “reis e senhores inimigos” para grandes festins. Um desses encontros o chamavam a festa das revelações”. É quando comiam os cogumelos selvagens.

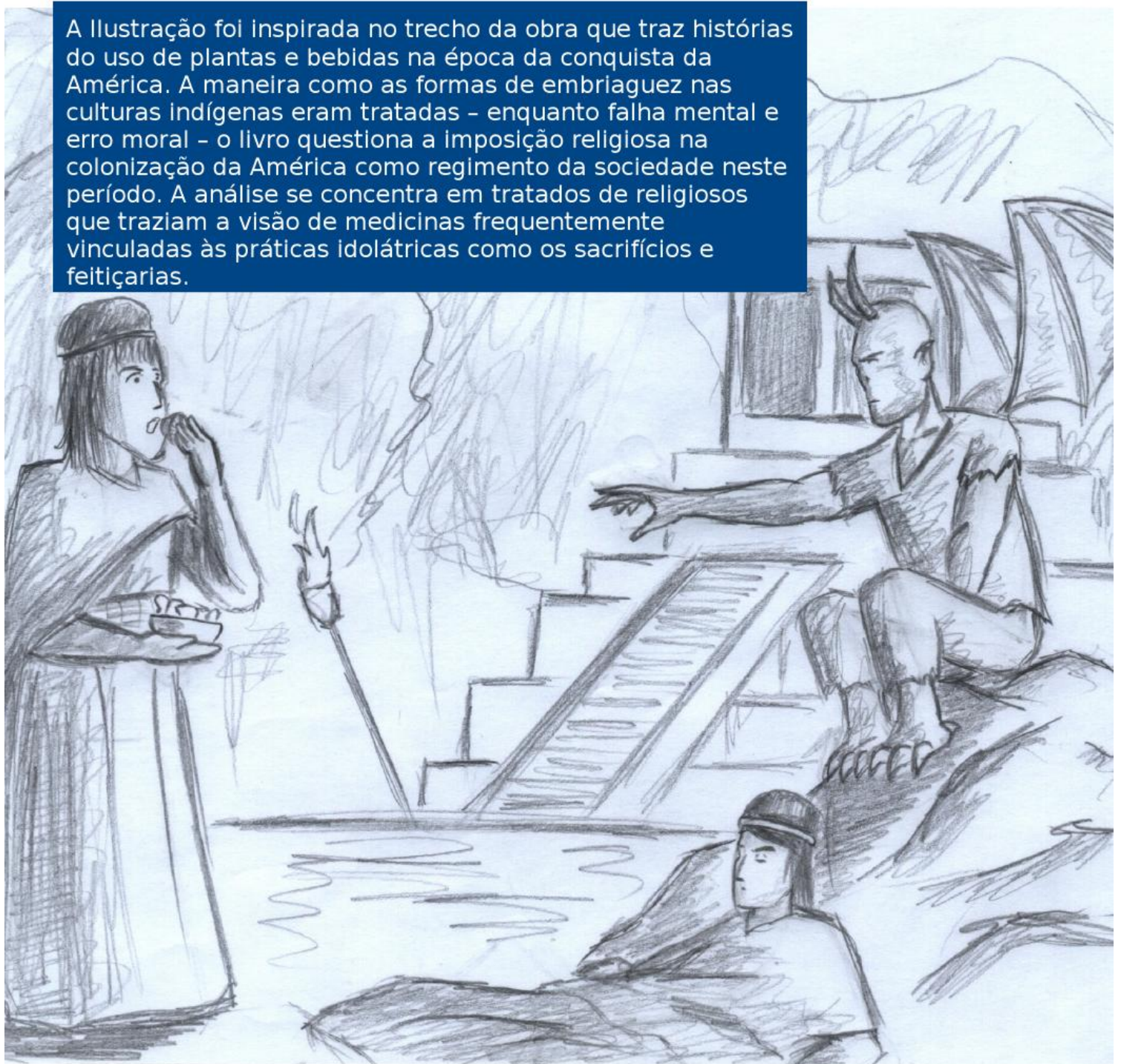
Nesse relato que associa a embriaguez proporcionada pelos cogumelos à aquilo que é extraordinário, as revelações, Durán intervém claramente: a situação fora do comum é interpretada como comércio demoníaco. Se a força dos cogumelos deixaria os convivas “embriagados e fora dos sentidos”, quando “saíam todos do juízo”, acentua que o conhecimento do futuro pressupõe a comunicação com o demônio, este “falando com eles” na embriaguez.

Mas antes dessa intervenção maligna, a perda dos sentidos ou do juízo - em outros termos, a desordem mental. Situação semelhante ao que acontece na embriaguez pelos vinhos locais, com terríveis consequências, como o matar-se uns aos outros.

Entretanto, pela observação do cronista, há uso ritual dos cogumelos por esses líderes mexicas. A noção de cerimônia não implica a ideia de controle ou maestria numa situação especial. Mas de um lado, as cerimônias da idolatria podiam representar o signo das orgias e outros desregramentos, até mesmo dos crimes mais cruéis, na visão estigmatizadora das histórias clericais. Contudo, é plausível que os índios entendessem, desde os tempos pré-hispânicos, que o consumo das fortes substâncias “podia escapar do controle da comunidade e tais sociedades sabiam e deviam distinguir entre a visão, a revelação e a embriaguez desordenada.”

Fonte: A embriaguez na conquista da América, de Alexandre Varella, 2013.

A Ilustração foi inspirada no trecho da obra que traz histórias do uso de plantas e bebidas na época da conquista da América. A maneira como as formas de embriaguez nas culturas indígenas eram tratadas - enquanto falha mental e erro moral - o livro questiona a imposição religiosa na colonização da América como regimento da sociedade neste período. A análise se concentra em tratados de religiosos que traziam a visão de medicinas frequentemente vinculadas às práticas idolátricas como os sacrifícios e feitiçarias.



“Mafaldita”

El 17 de julio de 2013, cumplió 81 años el padre de Mafalda, uno de los personajes más queridos de la cultura argentina. Joaquim Salvador Lavado, conocido como Quino, dio origen a la querida Mafalda, siempre rebelde, irónica y con sentido crítico para todas sus intervenciones. Es indiscutible que cuando queremos hablar de Quino empezamos y terminamos hablando de su hija más famosa. ¿Quién no conoce a Mafalda y su eterna pelea con la romántica Susanita? Y Manolito, hijo de inmigrantes españoles, retrato de la sociedad argentina que dio inicio a todos los personajes de Mafalda. Guille, el más pequeño de todos los personajes, el dulce Guille que se destaca por su lenguaje, Miguelito un buenazo de esos que el mundo reclama que faltan, él que siempre está dispuesto a ayudar. Libertad, es la utopía de construir un mundo más unido, es la mirada siempre primera de Mafalda, es la amiga que le ayuda a ver más allá.

Los padres de Mafalda, de clase media, de esa Argentina que se mira a sí misma y se critica a la vez que carga una mirada ácida del mundo. Ese mundo, el mundo de “Mafaldita”



El como muchos la llamamos de manera cariñosa es el mundo de mi infancia y mi adolescencia, es el de muchos. Reconocerse en un personaje es una tarea siempre difícil, nos hace pensar y reflexionar sobre nosotros mismos. Nos descubre desde otras miradas. Esa tarea ha sido cumplida de manera simple y a la vez fantástica por Quino. Sus viñetas retratando la sociedad argentina, la mirada irónica y crítica del mundo que expresa el lápiz inquieto de este creador, ya han sido portada de inúmeras revistas de América Latina y del mundo. Por esta y muchas razones, cumplir años es siempre una tarea difícil, no por acaso todos los cumpleaños se festejan, y cumplir 81 años es sin duda símbolo de sabiduría, o por lo menos lo es para Quino.

Por Jorgelina Tallei, docente - UNILA



Subte em Buenos Aires